



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

# Anais

## III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte  
24 a 28 de maio de 2004

---

Realização:



## **Mesa Redonda “Saúde e Inclusão”**

### **A FAMÍLIA E A IDENTIDADE FEMININA: UMA ABORDAGEM COM MULHERES SOROPOSITIVAS**

***Eliete Cristina Rezende Costa***

Assistente Social

***Elaine Cristina dos Santos***

Assistente Social

***Ronaldo André Rodrigues da Silva***

Doutorando Sociologia – UCM/Espanha e Professor PUCMinas/Betim

Rua Califórnia, 63 – Bairro Santa Fé – Betim (MG) – CEP: 32630-620

Telefone: (31)3532-4171

E-mail: [elieterezende@pucminas.br](mailto:elieterezende@pucminas.br)

#### **Resumo**

Este trabalho discute a problemática da família, das mulheres e das relações estabelecidas a partir da ótica da contaminação destas pelo vírus HIV por intermédio de seus parceiros. As reflexões realizadas a partir das experiências concretas das entrevistadas pertencentes a um grupo de ajuda levam à construção de observações sobre a incidência crescente de contaminação em mulheres pelo vírus HIV, no Brasil. Uma abordagem que busca acercar-se das transformações ocorridas na família, além da presença do patriarcalismo no imaginário social, é foco de análise. Uma discussão sobre a formação da identidade feminina e a relevância desta na contaminação de mulheres pelo vírus HIV também foram identificadas. Ao final, os resultados apresentados constituem reflexões sobre o tema abordado e a trajetória seguida, além das contribuições para o aprendizado pessoal e social.

## **1. A RELAÇÃO HOMEM-MULHER e a AIDS**

Uma visão singular de homem pressupõe um entendimento diferenciado das pessoas com AIDS como sujeitos participativos com valores, direitos e deveres, dotados de autonomia para se projetarem com vistas à sua emancipação humana e social. A necessidade de uma reflexão do papel de cada um na sociedade, da importância da transformação dos comportamentos nos relacionamentos heterossexuais visando à mudança social, garante uma sociedade consciente e avançada nas relações interpessoais.

As relações entre o universo masculino e feminino e os desdobramentos advindos da contaminação pelo vírus HIV determinam reflexões em torno da problemática por ela apresentada, tais como a submissão feminina, a forma como a mulher expressa sua sexualidade, a virilidade masculina e a posição do homem como um ser que demanda maior importância. Outro ponto considerado, também relevante, consiste no modo de o homem visualizar esse novo papel da mulher, enquanto provedora do lar que assume uma postura de engajamento profissional e vem adquirindo espaços significativos na sociedade.

O fato de a mulher estar envolvida em um relacionamento estável, faz com que ela acredite na impossibilidade de contrair o vírus HIV. Entende-se que as formas de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis não são claramente divulgadas e disponíveis à população, o que contribui para a construção de “pré-conceitos” acerca das maneiras de se contaminar. Supõe-se ainda que a situação socioeconômica possui uma relação direta com o acesso às informações tanto quanto o contágio. Este novo contexto social determinou modificações nas relações entre os homens e mulheres a partir do surgimento da AIDS, no Brasil. Nesse sentido, a contaminação pelo vírus HIV, ao longo do tempo, deixou de pertencer apenas a grupos de risco específicos para tornar-se presente nas relações heterossexuais sem proteção e com parceiros estáveis. Tais constatações nos permitem perceber que a AIDS passa a ser integrante do cotidiano das mulheres com parceiros fixos: das mães e, principalmente, daquela mulher que não se reconhece como passível de ser contaminada. Por motivo de “fidelidade mútua”, construída através da cultura do machismo, que hierarquiza as relações de sexo, poder e

domínio entre homens e mulheres, as brasileiras estão experimentando grande aumento no risco de contrair o vírus da AIDS (GALVÃO, 2000).

As campanhas de prevenção freqüentemente divulgam métodos preventivos sobre os quais as mulheres têm pouco ou nenhum poder de decisão, como o uso de preservativo, abstinência sexual ou fidelidade mútua. A atuação da mídia na disseminação de informação a respeito da AIDS exerce grande influência na formação de opinião das pessoas e introduz uma noção de que somente determinados grupos, sobre os quais recai uma série de preconceitos morais, estão sujeitos ao contágio, tais como prostitutas, homossexuais e usuários de drogas injetáveis (SILVA, 1996).

Desse modo, a relação masculino/feminino percebida sob a ótica machismo/ submissão e as expressões decorridas deste contexto centraram-se na vivência do sexo seguro. Supõe-se, assim, que exista uma relação de poder do masculino sobre o feminino, construída a partir da formação dos comportamentos no seio da cultura patriarcal. Por conseguinte, o não- uso de preservativo na relação sexual se dá pela forte influência da cultura na vida dos indivíduos. Entretanto, embora o movimento feminista tenha trazido grandes transformações sociais no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade, percebe-se que ela ainda não possui poder de decisão em relação ao uso de preservativo na relação sexual.

## **2. A RELAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA: ALGUNS APONTAMENTOS**

A família brasileira possui traços marcantes da época do patriarcado, o que faz pensar que elementos importantes neste contexto de família patriarcal até hoje são relevantes no modo como os indivíduos são formados para a convivência em sociedade. Os fatores externos, como os contextos sociais de convivência e a construção de valores, determinam comportamentos relativos à constituição da família e às relações internas.

Entre outras questões significativas para a compreensão do contexto, considera-se a precariedade das condições de vida frente a ausência de políticas públicas na construção da relação masculino-feminino. Nesse sentido, a família adquire um papel importante na vida do indivíduo, dada a precariedade de políticas públicas. Sarti (1996) afirma que “a

*importância da família para os pobres está relacionada às características de nossas instituições públicas, incapazes de substituir as funções privadas da família”.*

Outra configuração que a família apresenta, além de espaço de socialização do indivíduo e formadora de valores e comportamentos, pode ser assim considerada:

*A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Em poucas palavras, a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo. (SARTI, 1996, p.33)*

Assim, existe um espaço demarcado para essas pessoas que são privadas de educação, do básico para sobreviverem. Nesse ponto, a família ocupa um espaço importante, dada a realidade de pobreza em que se encontra a maior parte das famílias no Brasil. Serve como uma espécie de núcleo protetor no qual, ao mesmo tempo em que cria laços afetivos e tenta suprir as faltas geradas na sociedade, estabelece também padrões de comportamento que poderão servir (ou não) para a inserção do indivíduo na sociedade.

A importância da visão de família nuclear como elemento presente no imaginário social é determinada como ponto central para definição das relações estabelecidas. Outra variável de interesse compreende as tensões existentes entre o universo masculino e o feminino. O resgate e a compreensão da formação da família patriarcal e os papéis socialmente construídos de seus diferentes componentes apontam, de modo contrastivo, as possibilidades do masculino e do feminino (DE ROMANELLI, 1995; ALMEIDA, 1996).

Em relação ao desempenho de seu papel na família tem-se que:

*o caráter ‘contrastivo’ e relacional do ‘nós’ – por oposição aos ‘outros’ - está na base da própria construção (e preservação) de identidades sociais. Sobre esta base estrutural – que define pares de oposições – estabelece-se uma dinâmica que recria identidades sociais, sem necessariamente esfacelar o sentido do grupo reelaborado por seus membros precisamente para responder às novas situações que se defrontam (SARTI, 1996, p.90).*

Com isso, o processo de construção de identidades é contraditório e dinâmico. Trata-se de uma via de mão dupla, na qual interagem o ver-se a si mesmo e o olhar dos outros.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2002, p.39).

Assim, a cultura é compreendida como um elemento essencial que contribui para a possibilidade de contaminação das mulheres. Percebe-se que a maneira como a mulher se expõe ao relacionamento com seu parceiro acusa uma grande influência para a contaminação.

Goldani (1993) afirma que os elementos vindos da compreensão da família brasileira e os mitos de sua desestruturação mostram a constituição extensa que, muitas vezes, está presente no cotidiano social brasileiro.

Uma forma de entendimento desses contextos acha-se no significado do sexo como instrumento de dominação e do processo de libertação da mulher, cujos movimentos feministas dentro da corrente de contracultura foram bastante expressivos; o que denota a evolução da mulher em seu processo de vir a ser protagonista de sua história (MURARO, 1975; SUPLICY, 1985).

Nesse âmbito, uma abordagem da questão da formação da identidade do feminino direcionada ao/pelo modelo de família existente em nossa sociedade torna-se central. Ao retomar a reflexão acerca da situação socioeconômica anterior, observam-se, entre as diversas variáveis presentes na educação da menina no interior da família, a desinformação e a redução do espaço de sociabilidade circunscrito, predominantemente, ao meio familiar.

Esta formação pessoal e social tem relevância considerada em relação ao comportamento das mulheres entrevistadas, o qual determina, em aspectos consideráveis, a presença de características da formação do indivíduo relacionadas à vivência afetiva e à contaminação pelo vírus HIV.

### **3. O UNIVERSO FEMININO, SUA IDENTIDADE E A FAMÍLIA BRASILEIRA**

Uma reflexão sobre a constituição da família na sociedade brasileira e seus desdobramentos na construção da identidade do feminino apresenta a família como a

principal esfera social em que estão subdivididas - mas compartilhadas - diversas formas de relacionamento: entre o marido e a mulher, tanto quanto entre os pais e os filhos, entre outras. Tais formas de relacionamento determinam também lógicas diferenciadas e próprias de definição, e apresentam características de igualdade e autoridade (SARTI, 1996).

O entendimento da família, na qualidade de espaço de construção e socialização do sujeito, determina elaboradas regras de convivência para a moral. Ao considerar as contribuições da família patriarcal como estruturante do modelo de família na sociedade brasileira, tem-se que *“a importância da família nuclear não reside apenas no fato de ela ser o arranjo doméstico estatisticamente preponderante, mas resulta do significado simbólico de que foi revestida, convertendo-a em modelo hegemônico”* (ROMANELLI, ano, p.74).

Conforme exposto acima, a organização do núcleo familiar dita a maneira pela qual se realizam as relações hierárquicas e entre gêneros, nas quais prevalecem os interesses do coletivo. Com isso, a formação do indivíduo enquanto ser único se torna fragilizada. Trata-se de um espaço restrito onde são instituídos códigos e leis próprios. Prevalece uma forte predominância do autoritarismo, enquanto expressão do poder do patriarca, o qual exerce o papel de provedor e chefe da família. O núcleo da família constitui-se um mecanismo para manter a ordem e a disciplina em que se configuram e se concretizam as diferentes formas de educar.

Para o caso brasileiro, o homem casto, como um tipo ideal, inexistente, contrariamente a outras culturas. Esta determinação social compreende relações nas quais *“os pais, mesmo enquanto procuram preservar a pureza de seus filhos, sentem-se um pouco desapontados, se eles são bem sucedidos nesse objetivo”* (CÂNDIDO, citado por ALMEIDA, 1996, p. 65).

Destarte, pode-se afirmar que a sociedade patriarcal molda os comportamentos das pessoas. Nesse contexto, observa-se a construção histórica da identidade do homem conforme a estrutura social patriarcal. Enquanto se formavam homens fortes, machos, de presença significativa no espaço público, encontram-se presentes indícios de uma mulher formada para atitudes que delimitam seu modo de agir e pensar.

Este modelo de família estaria associado à presença de parentes, a um sistema hierárquico e de valores no qual se destacariam a autoridade paterna e do homem sobre a mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole (GOLDANI, 1993, p. 70).

É importante considerar que a idéia fundamental do patriarca está ligada à do chefe de família. Segundo Houaiss (2000), o conceito de patriarca está ligado à pessoa mais velha, que possui respeitabilidade perante os demais membros da família, e o patriarcado se refere a uma forma de organização social em que predomina a autoridade paterna, que inspira obediência e adoração. Tal dimensão ideológica também pode ser percebida a partir da construção de uma espécie de arquétipo central, caracterizador e formador de modelos de conduta, orientação e organização do imaginário brasileiro. Trata-se, portanto, em outras palavras, de uma espécie de selo invisível, que, de forma extremamente sutil e matizada, continua a inspirar comportamentos e a demarcar estilos de conduta para além de sua existência histórica e específica (ALMEIDA, 1996, p.49).

Essa análise apresenta a influência do papel exercido pelo grande patriarca na mentalidade e no comportamento da sociedade. Isso ultrapassa até mesmo as condutas de um dado momento histórico e se faz presente, até os dias atuais, na formação do comportamento masculino segundo os conceitos de “macho”, “poderoso”, “viril”. O patriarca deve ser aquele homem forte, poderoso, que toma conta das terras e determina a moral da sociedade; deve assumir uma série de comportamentos que coincidam com sua função na sociedade. A consideração dos elementos fundadores da família patriarcal é relevante para essa reflexão uma vez que, apesar de todas as transformações ocorridas no contexto social e cultural da sociedade brasileira, bem como das mudanças ocorridas na família, ainda estão presentes vários traços dessa organização familiar no imaginário social (CARVALHO, 1995).

As noções de comportamento da família brasileira estão pautadas no modo como é assimilada essa cultura patriarcal. São traços profundos de uma época que enfatizava a necessidade de uma figura provedora dentro da família. O papel da mulher e do homem era bem demarcado, e não pairavam dúvidas sobre tais funções. Notam-se várias mudanças ocorridas desde a época da família exclusivamente patriarcal. E estas acarretaram formas diferenciadas da concepção familiar. A família acompanhou as



transformações sociais. Mas, mesmo assim, ainda se reproduz a maneira de conduzir as relações no âmbito familiar, de forma que a cultura exerce uma forte influência nos relacionamentos familiares e há uma disseminação do “modelo de se criar um filho”, uma forma “correta” de se educar que permeia a sociedade.

Dessa maneira, depara-se com elementos contraditórios no *locus* social, ao citar a família como ponto de partida para a construção de uma análise reflexiva acerca do feminino diante da contaminação. Ao mesmo tempo em que ocorrem várias mudanças na sociedade, observou-se uma relevante transformação nos comportamentos do feminino e do masculino. No entanto, estão confrontados relacionamentos tipificados, que são revistos desde o contexto da família patriarcal com forte presença no cenário social.

O entendimento da formação da identidade feminina implica a consideração de várias transformações culturais, históricas e sociais que ocorreram na sociedade brasileira. O conceito de identidade possui uma dimensão ampla. Existem diferentes formas de compreendê-lo. Hall (2002) faz um estudo abordando três concepções distintas a respeito da identidade na contemporaneidade. A primeira concepção trata do sujeito do iluminismo, segundo o qual o indivíduo é entendido como “*totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação... o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa*” (HALL, 2002, p.10).

A outra concepção discute sobre o sujeito sociológico, aquele em que o indivíduo constrói sua identidade através da constante relação com os outros. Esta busca por uma construção externa compreende fatores sociológicos como a complexificação social. Ela abrange a idéia de que o homem, enquanto núcleo interno, apresenta-se não-autônomo e auto-suficiente. Sua formação compreende o “outro”, além de certos fatores culturais e simbólicos da sociedade em que vive e que o influenciam. A interação homem-sociedade e a formação interna-externa determinam a existência de um “eu real”, o *self*, e o “eu externo” que constituem o homem. Uma terceira concepção trata da identidade do sujeito pós-moderno, pela qual, de acordo com as constantes transformações da realidade, o sujeito constrói e reconstrói a todo momento sua noção sobre o “eu”, cuja identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades

diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2002, p. 12).

A concepção que melhor se aproxima do nosso objeto de estudo é a que define a identidade como a constante interação do sujeito com o mundo. Trata-se de visualizar o indivíduo como aquele que está em constantes transformações, a partir do modo como interage na sociedade e como se percebe perante os acontecimentos sociais.

Assim, a identidade feminina influencia-se, significativamente, por construções culturais presentes no imaginário coletivo. Ao longo das transformações sociais, percebem-se as profundas mudanças que se materializam no cotidiano da cultura brasileira, no qual, tradicionalmente, o feminino está relacionado à função procriadora da mulher. A educação da mulher era pautada na subserviência ao pai e, posteriormente, ao marido. Tratava-se de um ser que existia para servir ao outro, impossibilitado de construir autonomia e sua identidade própria, de reconhecer-se como sujeito.

Observa-se que o processo de formação da identidade da mulher baseia-se em uma trajetória de submissão conforme princípios morais estabelecidos no contexto social brasileiro. Esse processo, melhor visualizado por Suplicy (1985), assinala os obstáculos enfrentados pela mulher ao longo de sua vivência em um modelo de educação que a induz a pensar a partir da vontade do outro, ou seja, para servir ao outro. A mulher compreende que foi criada nesse modelo de educação que reprime as potencialidades próprias. Para chegar a ser “*Maria*”, ela passa por um processo de grandes alterações em seus valores morais, bem como repensando sua inserção na realidade social. A “*Maria*” é considerada um ser que já ultrapassou vários obstáculos e chegou a ser sujeito de sua própria história.

Essa situação remete a uma sociedade que inibe as manifestações do sexo. O processo histórico de construção da cultura brasileira teve, como protagonista, a figura masculina e cuidou de relegar o feminino a participações menos exuberantes. Para se libertar dessa situação, a mulher começa a refletir sobre suas atitudes. “*No momento em que a mulher começa a falar sobre seus medos, tabus, angústias, a evolução se inicia, a vergonha e o medo diminuem, o pensamento e a reflexão florescem*” (SUPLICY, 1985, p.37).

Paralelamente à reflexão da mulher sobre sua vida, decorrem também intensas modificações na sociedade. A participação do feminino no cotidiano começa a se tornar mais ativa, com uma nova definição de seu papel nos cenários político-econômico e social-cultural.

Na sociedade em que o sexo é usado como instrumento de dominação, a mulher é o principal objeto, o principal ópio, a principal manipulada. E ela sente que só pode ser libertada desta dominação pela revolta. E assim, nascem os movimentos feministas da década de sessenta, todos dentro das correntes de contracultura... A mulher simultaneamente descobre o seu corpo e o seu papel social. Ao mesmo tempo a explosão sexual, propiciada pela pílula, que a liberta do peso das maternidades não desejadas, isto é, da sua carga biológica, sofrida como uma fatalidade, como também o seu papel histórico (MURARO, 1975, p.136).

Identifica-se, assim, a mulher que assume uma nova postura diante dos valores sociais, deixando de ser apenas o objeto de desejo do outro para começar a se tornar mais participante e independente. O movimento feminista se destacou por despertar nas pessoas o real valor da mulher na sociedade e o rompimento com a estrutura patriarcal de dominação entre os sexos. A partir desse momento, a mulher começa a assumir-se como capaz de optar por ser não apenas procriadora e, a partir daí, descobrir sua sexualidade e suas possibilidades de vida mais amplas. No entanto, apesar de o movimento feminista ter sido de grande relevância para o novo cenário de inserção feminina, isso representou o princípio de uma longa batalha segundo a qual seria necessária a ampla participação de todo o público feminino na busca de novos direitos e ideais (BETTY FRIEDAN, citado por SUPLICY, 1985).

A relevância de uma discussão mais aprofundada a respeito do processo de libertação da mulher e seu significado para a sociedade rompe com um processo histórico de dominação, requer da mulher e da sociedade um esforço para a transformação de valores e ideais. Através de todas essas mudanças, surge um novo padrão de estrutura que irá subsidiar a mulher a se tornar mais ativa no cenário político, econômico e social. Transforma, então, sua postura passiva para se tornar uma nova mulher, capaz de ser independente e reconhecida como agente de importantes participações.

A identidade feminina se constrói então a partir de profundas mudanças na sociedade brasileira, bem como no imaginário social. É importante compreender essas mudanças também partindo da concepção e introjeção de cultura que o indivíduo constrói. Conforme afirma Geertz (1989), “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume-se a cultura como sendo essas teias e sua análise”. A cultura é aqui entendida como mais um elemento considerável para a formulação das idéias que o indivíduo vai fazendo de si e do mundo, acerca de sua identidade cultural.

A compreensão que quer trabalhar a cultura guarda relação com um entrelaçado de significados que vão sendo plasmados cotidianamente em diferentes instâncias e instituições da sociedade, expresso nos acontecimentos sociais, nos comportamentos individuais e coletivos, nos processos vividos isoladamente e socialmente (QUIROGA, 2001, p.158).

O indivíduo, por meio da cultura, vai criando e reproduzindo uma série de comportamentos, valores e ideais. Ao assumí-los como sua própria criação, torna-se alheio à compreensão de que esses valores fazem parte de uma cultura e que os mesmos servem, de certa forma, para amarrá-lo ao sistema vigente. Como “fontes de informação extrasomáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um” (GEERTZ, 1989, p.64).

## **5. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa abrangeu o caráter exploratório-explicativo. A problemática apresentada procura, através das referências bibliográficas, fundamentar melhor o entendimento do tema através de teorias já elaboradas. Além disso, a pesquisa exploratória se aproxima mais do objeto de estudo à medida que se levantam dados acerca dos elementos que concorrem para o aumento de pessoas contaminadas pelo vírus HIV (RICHARDSON, 1999).

Outra importante contribuição para o entendimento do objeto de estudo foi a visão de pesquisa explicativa que nos possibilitou “*identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos*” (GIL, 1999, p.44). Por meio da pesquisa explicativa, foi possível encontrar as influências que existem em torno do fenômeno a ser pesquisado. Acredita-se que a tentativa de explicação de fatores constituintes de um determinado fenômeno nos aproxima, efetivamente, do mesmo.

A pesquisa foi realizada por intermédio de uma abordagem qualitativa, baseada em uma relação dinâmica entre o sujeito e o real, entre o mundo subjetivo e objetivo. Dessa perspectiva, abre-se espaço ao entrevistado para que ele expresse o modo como compreende sua vida. Para tanto, realizaram-se entrevistas sob forma de “história de vida” que buscaram levantar e analisar dados importantes acerca das questões propostas, uma vez que o relato expõe toda a subjetividade pertinente ao objeto de estudo (MINAYO, 2000).

A amostra pesquisada compreendeu a forma intencional de escolha dos entrevistados. Tal fato explica-se em função do grau de dificuldade de acesso ao público-alvo, composto por mulheres soropositivas <sup>1</sup> que contraíram o vírus de relações sexuais com seus parceiros. Para realizar a amostragem, foi contatada uma profissional do Serviço Social (que também participou da pesquisa como entrevistada) que trabalha com pessoas portadoras do vírus HIV em um grupo de apoio chamado SOLIDARIEDADE <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Um perfil das entrevistadas pode ser observado conforme abaixo:

- 1ª entrevistada: B.T., assistente social formada há mais de 30 anos, natural de Belo Horizonte e realiza atividades voluntárias com grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Desde 1997 participa do grupo SOLIDARIEDADE, de apoio a soropositivos.

- 2ª entrevistada: A.P.L., 31, solteira, natural de Belo Horizonte onde reside sozinha, no bairro Bonfim. Trabalha como doméstica. Atualmente, está sem companheiro, no entanto, conviveu com uma pessoa durante 5 anos.

- 3ª entrevistada: D.R.N., 47, solteira, natural de Belo Horizonte onde sempre morou. É cabeleireira e, apesar de hoje residir sozinha, já viveu com um homem durante seis anos, sendo que este lhe transmitiu o vírus.

- 4ª entrevistada: J.C.T., 46, solteira, mas teve dois companheiros, natural de Virgolândia, em Minas Gerais. O primeiro é pai dos seus cinco filhos e o segundo foi quem lhe transmitiu o vírus HIV.

- 5ª entrevistada: F.B.L., 39, casada há 14 anos, natural de Belo Horizonte. Vive com o marido que, segundo seu relato, transmitiu-lhe o vírus ainda na lua-de-mel. Com eles mora também a filha, de 13 anos, e que não é contaminada.

<sup>2</sup> O grupo SOLIDARIEDADE, de onde advém a amostra, caracteriza-se como instituição filantrópica, sem fins lucrativos e com vínculo à Igreja Católica, uma vez que o espaço físico onde funciona o grupo é de uma

## 6. O UNIVERSO REAL DA MULHER SOROPOSITIVA

O entendimento de família patriarcal assume um significado fundamental de que as mulheres ainda convivem com esse tipo de concepção. Trata-se de um elemento estruturante das demais construções familiares, cujas conseqüências geraram determinadas configurações de papéis que organizam a sociedade. Essa relação é expressa no meio familiar de uma entrevistada que vivencia uma situação de renúncia de seus projetos individuais frente às necessidades da moral de sua família.

*Formei o 2º grau, aí eu quis fazer nutrição em Ouro Preto, aí eu falei com minha mãe, né, não esqueço disso. Mãe, eu quero fazer nutrição e nutrição só tem em Ouro Preto. Aí, ela falou comigo desse jeito: bom, filha minha que sai de casa não volta mais. Aquele negócio de mãe super protetora, e, antiquadra (sic) né, até então. Quer dizer, eu, a filha mais velha né? Então, tinha que dar exemplo. Ela falava que eu tinha que dar exemplo pros meus irmãos, pro resto dos meus irmãos (F.B.L., técnica em nutrição, 39 anos).*

Está explícito, na fala da entrevistada, o modelo tradicional de família que restringe o papel feminino ao âmbito doméstico. Esse modelo é reproduzido pela mãe da entrevistada, quando a mesma enfatiza que a filha deveria ser “exemplo para os irmãos”. O significado de ser “exemplo” traduz a construção do feminino no espaço privado. Mesmo que a mulher assuma uma série de responsabilidades no seio familiar, a possibilidade de fazer parte do “mundo da rua” ameaça a moral instituída.

SARTI (1996) faz uma reflexão do processo de aquisição do código masculino de sociabilidade. “*Transitar no mundo da rua é parte do processo de tornar-se homem*”. Nesse sentido, percebe-se a família como um espaço de socialização cujos membros, para se constituírem, possuem uma série de papéis pré-definidos, cabendo aos mesmos “dispor-se às obrigações morais”, definindo dessa forma sua pertinência ao grupo familiar. Essa definição de papéis se configura também na qualidade de entrave a uma sociabilidade mais ampla. O indivíduo cresce, evolui, apreendendo esses valores e formas de comportamento.

---

Igreja católica do bairro Lagoinha. Nesse mesmo espaço, ainda funcionam outros grupos que desenvolvem atividades tais como coral e dança de salão, que visam melhorar a qualidade de vida do indivíduo a partir de um convívio social em grupos. Foi-nos informado que os fundos para funcionamento da instituição provêm da Igreja Católica e que todos os profissionais que lá atuam realizam trabalhos voluntários.

Em cada família, em suas múltiplas variações, manifestam-se diferentes códigos de convivência, diferentes jeitos de ser que, por mais variados, expressam um modelo construído no imaginário coletivo da sociedade, ou seja, espelham-se no modo patriarcal de ser. Novamente reafirma-se a separação entre o público e o privado, conforme verificado nas falas de algumas entrevistadas.

*... comecei a namorar com (sic) Carlos dentro de casa, ele foi o meu segundo namorado dentro de casa, e foi assim, como é que eu vou falar é... eu não tinha aquela coisa assim, aquela visão assim de sair pra transar, sabe? (FBL, técnica em nutrição, 39 anos).*

*E eu... a gente não saía pra nada. Só... saía não! Só na roça, só roça. Tinha mais nada. Trabalhava e ficava dentro de casa (J.C.T., do lar, 46 anos).*

Observa-se, na fala das entrevistadas, que o “dentro de casa” representa esse convívio do feminino com o mundo privado, e daí a restrição de sua sociabilidade. Com efeito, esse espaço do feminino de convivência no privado serve para criar um eixo estruturado de vínculo familiar e também de restrição do indivíduo em participações no mundo público. Outro elemento de relevância para uma reflexão acerca das contribuições da família na contaminação das mulheres é a consideração de que essa família, por se constituir pela definição clara de papéis, é influenciadora também da falta de diálogo entre os membros. A transmissão de informações relacionadas à questão da sexualidade ainda se insere de forma um tanto precária. À medida que o diálogo entre os membros está envolto por uma série de preconceitos e tabus, o acesso dos mesmos a essas informações ocorre de forma deturpada e insuficiente para a formulação de conceitos próprios e reflexão de suas implicações na vida.

*A minha mãe nunca conversou comigo sobre esse assunto, minha amigas é que falavam umas coisa, era mais de amor mesmo. Mãe num (sic) falava nem de menstruação comigo, ela era bem caladona, sabe? (D.R.N., cabeleireira, 47 anos).*

No contingente de mulheres entrevistadas, a questão da falta de informação está estreitamente relacionada ao modo como se dá o diálogo na família. Não se trata de colocar a família como a principal responsável por essa relação do feminino com a informação, mas sim, de se levar em conta o nível de co-responsabilidade que a mesma possui nesse sentido. A informação perpassa também pela compreensão que a mulher faz de si mesma em relação aos seus parceiros e, conseqüentemente, quanto à

prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. Essa compreensão está envolta pela precariedade de diálogo na família. Observa-se isso nos relatos a seguir:

*É... Eu tinha isso comigo, que eu iria ter um homem na minha vida, essa foi a minha criação, foi o que minha mãe passou pra mim. Foi isso que a minha mãe passou pra mim, então eu falei bom, se eu já transei com ele de repente eu já tô contaminada, né? (F.B.L., técnica em nutrição, 39 anos).*

*E também, elas, é... não têm assim... apesar de ter consciência não têm informação. Muitas vezes não têm informação, acham que isso é bobagem, os homens acham que não precisa de camisinha, que isso é uma bobagem (B.T., assistente social).*

Novamente percebe-se a considerável influência que a família possui na criação de valores do sujeito e, posteriormente, na maneira pela qual se insere na sociedade. Isso compromete a aquisição de novos valores na vida cotidiana do indivíduo. Por estar relacionado ao espaço privado, o papel do feminino frente à prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, bem como a compreensão das medidas necessárias a essa prevenção, fica comprometida. A mulher não se reconhece como passível de ser contaminada, já que seu mundo é o mundo do privado, e a AIDS ou qualquer outra doença sexualmente transmissível se remete ao mundo da rua.

*Eu achava que isso só acontecia com o outro, depois que eu fiquei assim... soropositiva é que eu comecei a enxergar as propagandas (sic) (DRN, cabeleireira, 47 anos).*

*Por que não protegi. Não pus proteção né? Nem ligou pra pô (sic). Se tivesse posto não tinha acontecido (JCT, do lar, 46 anos).*

Mas muita também é falta de informação mesmo, outra questão cultural, medo e também os mitos né? Existem muitos mitos em relação a isso, a essa questão. Porque se é com o marido, não corre risco. Se é com o namorado, não corre risco. Se transa com um só não tem risco. Se o homem é mais velho, também não corre risco. Elas acham assim, muitas acham assim. Uma vez eu fiz uma oficina sobre essa questão de mito e saiu muito esse tipo de coisa. Quando estão apaixonadas... começa assim. De repente quando apaixonada acha que não precisa mais, tá imune. As mulheres pensam muito assim. Então quando se envolve acha que tá imune, pois ela tá apaixonada, ele tá apaixonado... (B.T., assistente social).



Além da influência do patriarcalismo na mensagem, outra questão que se mostra relevante é a pobreza que a limita, de certa forma. A questão socioeconômica tem contribuição efetiva na vida dessas mulheres acometidas por doenças sexualmente transmissíveis, o que pôde ser verificado entre as depoentes. As declarações recolhidas, de certa forma demonstraram o quanto esse foco sobre a pobreza é indispensável. Ao mesmo tempo em que há forte evidência com relação a uma informação precária, a situação socioeconômica do indivíduo é igualmente importante para se averiguar uma série de precariedades que cercam o cotidiano. Uma das depoentes relata que a maioria das mulheres contaminadas pelos parceiros apresenta uma história de vida pontuada por dificuldades econômicas, que se reproduzem em outros âmbitos da vida.

Em geral elas vêm de famílias pobres e têm várias dificuldades na escola (...) Às vezes tem umas que o marido é caminhoneiro, então, tem vários que chegam em casa e querem transar com a mulher sem a camisinha, e elas não falam porque dependem deles economicamente, elas ficam sem saída (B.T., assistente social).

A dependência econômica do parceiro é um elemento que contribui para a dificuldade que as mulheres enfrentam quanto ao uso do preservativo, gerando também uma série de outras dependências no âmbito do relacionamento com o parceiro. O contato com a sociedade pode ocorrer muitas vezes de forma um pouco traumática para aqueles que sempre estiveram, de certo modo, restritos aos comportamentos e valores fundamentados no meio familiar.

No que diz respeito à informação, podemos considerar difícil pensar em instruções e orientações que sejam compreendidas por indivíduos sem o mínimo de condições básicas de sobrevivência. Essa questão é relatada pela assistente social ao discutir um dos elementos que contribui para a contaminação.

E tem muita DST, muitas infecções, e eu acho que isso tem a ver com a falta de informação dessas pessoas. São muito desinformadas, o que coincide com... com esses tipos de famílias, quer dizer elas não têm facilidade de participar do desenvolvimento, né (B.T., assistente social).

Destaca-se, assim, a importante relação que se impõe entre a pobreza e a informação. Vindas de famílias pobres, onde não possuem nem mesmo diálogo com os próprios familiares, muitas mulheres se contaminam pela falta de informação ou, principalmente,

pela maneira como as informações são transmitidas e compreendidas por elas. A pobreza representa para a maioria da população um limite de acesso não só à mensagem, mas também à própria educação dos filhos e, posteriormente, à assimilação e compreensão da realidade.

*Tenho um palpite de que essa carência econômica faz com que a mãe tenha a necessidade de tá trabalhando fora e deixa o filho sozinho, quer dizer, sem se responsabilizar pela educação do filho. Acho que isso tudo tem a ver, sabe? Com as conseqüências, tudo tem uma causa. Você vai ver que toda causa gera uma conseqüência e isso, por exemplo, eu acho pior pra mãe pobre que trabalha um dia inteiro na rua, às vezes fazendo faxina ou se prostituindo, né? (B.T., assistente social).*

Conforme expressa o depoimento, o fato de a mulher pobre ter que deixar os filhos em casa para trabalhar pode representar mais uma expressão da precariedade das relações nas famílias mais humildes. A educação passa a se realizar através dos irmãos mais velhos para os mais novos, a transmissão de valores fica comprometida bem como o diálogo entre os membros. Mais uma vez, é relevante considerar o papel fundamental da família frente à precariedade das políticas públicas.

Compreende-se, nesse contexto, que a família serve para a elaboração que o sujeito faz de si mesmo e do mundo. Sua relação com a sociedade e com os outros é mediada pela maneira como foram construídos seus comportamentos, valores, crenças, dentre outras coisas, no meio familiar em que conviveu durante sua vida. Então, refletir sobre as influências das famílias na contaminação de mulheres significa também discutir sobre a construção da identidade feminina na sociedade brasileira e sobre essa identidade frente ao relacionamento masculino/feminino. Homens e mulheres, inseridos em uma mesma realidade, sofrem também as influências dos padrões culturais de comportamento inseridos ao longo do desenvolvimento da sociedade.

### **6.1. A Variável Identidade e seus Desdobramentos**

Verifica-se, no depoimento de uma das entrevistadas, que essa possibilidade de intrinsecamente ser capaz de se tornar, e o que realmente se torna está ligada à relação e se dá através das normas existentes na família e a cultura de que se faz parte. Em vários

momentos se vê diante da possibilidade de ser ou agir conforme deseja e, no entanto, age segundo as expectativas que sua mãe possui em relação a ela.

*Então assim, eu fiquei muito responsável pelos meus irmãos, sabe? Ajudava muito a minha mãe a cuidar dos meus irmãos, então assim era dar mamadeira, dar banho em menino, ajudar, sabe? Mas sempre com muita responsabilidade nos estudos, que é isso que ela sempre cobrou muito (F.B.L., técnica em nutrição, 39 anos).*

O fato de ser responsável pelos irmãos acarreta em todas as atitudes da entrevistada uma forte pressão para agir conforme a idéia do papel feminino prevalecente em sua família. Nessa situação, a pessoa molda sua identidade segundo ela mesma percebe e, em consonância à visão do outro sobre ela.

*Eu acho que assim... a educação... a cultura. As mulheres são criadas para obedecer, né? Elas não sabem negociar o uso da camisinha, mesmo quando ela é consciente do uso do preservativo, ela não sabe negociar isso com o parceiro, não tem coragem de negociar (B.T., assistente social).*

O papel do feminino, construído histórica e culturalmente, remete-se à compreensão de uma identidade perante o relacionamento com o outro, como extensão deste. A mulher projeta uma imagem de relacionamento com o homem segundo a idéia de “casamento para sempre” e, a partir daí, todas as outras questões que interagem na relação homem x mulher são relegadas a um plano inferior. Observa-se tal relação quando se pergunta às mulheres sobre as principais causas da contaminação relacionadas à confiança que possuem em seus parceiros.

*De repente quando apaixonada acha que tá imune, acha que não precisa mais, tá imune. As mulheres pensam muito assim. Então quando se envolvem acham que tá imune, pois ela tá apaixonada, ele tá apaixonado... (B.T., assistente social).*

*Quando eu transei com ele nem pensava em camisinha, eu era iludida sabe, ele tava é gostando. E a gente nem sabia... (D.R.N., cabeleireira, 47 anos).*

Mesmo sendo consciente do uso do preservativo para a prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, uma das mulheres, ciente da contaminação do seu parceiro, continuou a ter relações sem o uso de preservativos. A idéia de um relacionamento para a vida inteira, de um único parceiro (concepções de relacionamento construídas culturalmente) também se configura como impedimento à prevenção da mulher.

*Então assim, eu falei bom, quando tava faltando três meses pra gente casar é que ele me falou, não, menos de três meses, uns dois meses e pouco que tava faltando para gente casar, aí ele me falou, sabe? Que ele tava, que ele era, que tinha feito o exame, aliás, tinha feito o exame não, que ele ia doar o sangue pra mãe dele, e o hospital chamou ele e tudo para poder conversar. E aí constatou que ele estava contaminado, entendeu? Então eu pensei o seguinte: eu falei assim, gente, é... eu já transei com ele e eu não vou ter outro homem na minha vida. Sabe? É... eu tinha isso comigo que eu iria ter um homem na minha vida, essa foi a minha criação, foi o que minha mãe passou pra mim (F.B.L., técnica em nutrição, 39 anos).*

A transmissão de valores culturais acerca do papel feminino fundamenta-se na relação com a figura materna. A mãe, por ser em nossa sociedade a principal responsável pela educação dos filhos, caracteriza-se como uma importante figura de repasse de comportamentos, servindo como uma espécie de modelo a ser cultuado e reproduzido. A própria mulher serve então como um canal de transmissão sem muitos questionamentos acerca do porquê dos valores, transmite de geração em geração os papéis determinados para homens e mulheres. “Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser” (HALL, 2002, p.40). Nesse cenário, delineiam-se as idéias presentes até os dias atuais a respeito de “como deve ser” a mulher. Isso ocorre em todos os âmbitos da vida humana, principalmente no discutido – a sexualidade feminina – bem como no relacionamento entre heterossexuais.

A mulher ainda está sujeita a muitos conflitos no que diz respeito à sua forma de se relacionar com o homem. A sexualidade feminina ainda permanece ligada à forma como a mulher foi educada. Ademais, o prazer sexual é distorcido pela sociedade e a mulher ainda não se libertou de preconceitos morais que envolvem a sexualidade. Novamente percebe-se a compreensão do papel feminino fundamentado na idéia de que amor torna todo e qualquer indivíduo imune a qualquer tipo de DST.

*O que mais fica na minha cabeça é que eu queria com ele uma realização total, e aí me entregava de corpo e alma (DRN, cabeleireira, 47 anos).*

A organização cultural que estruturou de maneira bastante rígida as relações entre os sexos, prevalece até os dias atuais. Apesar das mudanças importantes no que diz respeito aos sexos, ocorridas nos últimos anos – com o movimento feminista a promover discussões efetivas em alguns setores da sociedade brasileira – novos entendimentos sobre a sexualidade continuam limitados. Em termos de seu impacto social mais amplo, o peso e o poder do machismo, como base tradicional para organizar as relações sexuais,

mantêm-se intactos. Dentro desse sistema, continua vigente um critério de avaliação para os valores sexuais, segundo o qual a sexualidade da mulher é percebida como necessariamente limitada pelas exigências do controle masculino, enquanto a sexualidade do homem é entendida como disciplinada e incontrolável.

Enquanto as mulheres são sujeitadas ao controle masculino, devendo se abster de contato sexual fora dos limites conjugais, espera-se que os homens procurem tais contatos. Portanto, as possibilidades de negociar o uso da camisinha (comportamento sexual mais seguro) ficam profundamente limitadas pela estrutura dos valores e papéis sexuais. O simples fato de a mulher sugerir o uso da camisinha bem poderia questionar a fidelidade sexual, enquanto a mesma sugestão, feita pelo homem, poderia ser interpretada como uma ameaça às próprias expectativas de masculinidade, à sua própria imagem de fidelidade.

Compreende-se, assim, que a construção da identidade está estreitamente ligada à influência da contaminação da mulher pelo vírus HIV. Embora outros tantos elementos sejam influenciadores dessa situação, considerar a identidade como peça-chave da contaminação, não deixa de ser relevante. A partir das entrevistas realizadas, constata-se ser esse um dos grandes pontos consideráveis para o aumento da contaminação em mulheres com parceiros estáveis.

Ao longo do processo de entrevista, compreende-se que a contaminação está estreitamente ligada ao padrão de comportamento feminino construído ao longo de suas vidas e reforçado pelas suas respectivas famílias. No entanto, a contaminação das mulheres por seus parceiros fixos está envolta por muitos outros elementos que aqui não serão explorados. Mas, deve-se ressaltar a importância dessa construção histórica, social e cultural dos papéis femininos e das famílias como forma de transmitir esses valores. Geralmente, o meio familiar possui uma elevada contribuição para a incidência cada vez maior de mulheres contaminadas pelo vírus da AIDS através de seus parceiros fixos, na medida que transmite aos seus membros uma série de conceitos a respeito do papel da mulher no relacionamento afetivo, na família e na sociedade.

No estudo realizado com mulheres soropositivas, percebe-se o elevado grau de influência que a família exerce na construção da identidade do sujeito. O ponto de partida para a reflexão acerca dessa problemática se reporta ao modelo tradicional da família patriarcal.

Essa influência não é única, nem se pode falar que é determinante; no entanto, percebe-se que seus traços são marcantes na construção de papéis femininos frente à contaminação pelo vírus HIV.

No universo de mulheres entrevistadas, foi possível levantar várias hipóteses no decorrer da pesquisa. Os elementos de maior significado foram a submissão da mulher e o modo como ela foi educada. Sobressai a questão socioeconômica, uma vez que as famílias pobres enfrentam vários problemas, como a falta de informação, gerada não só pela baixa escolaridade como também pela precariedade de condições do país para lidar com questões referentes à pobreza. Outro ponto relevante também encontrado nas entrevistas foi a questão da pretensa preservação contra o vírus HIV. As mulheres acreditam que o fato de estarem numa relação estável faz com que sejam imunizadas.

Uma reflexão focada na construção da identidade do feminino como elemento influenciador da contaminação pelo vírus HIV - conforme observado nas entrevistas - leva a considerações nas quais a família possui um importante papel nesse processo de construção do feminino, relacionado, por exemplo, aos atos de regular e restringir a conduta da mulher frente às exigências da sociedade.

## **7. RESULTADOS E RELEXÕES**

A temática abordada ao longo do trabalho abrange questões amplas e de considerável complexidade. Discutir sobre a contaminação de mulheres por parceiros fixos exige o desvendar e o perceber a sutileza dos elementos que constituem tal realidade. Trata-se de uma reflexão acerca do processo de construção da identidade feminina como elemento influenciador da contaminação pelo vírus HIV, vinculando-a às contribuições da família.

Compreende-se, no entanto, que a discussão não se restringe apenas à relação da contaminação e o sexo feminino. Trata-se de uma questão inserida em um contexto social dinâmico e em constantes transformações, em que muitos outros elementos são importantes e contributivos para o aumento do número de mulheres contaminadas. Deve-se enfatizar que embora não seja única, tal abordagem detém um importante significado para a análise da incidência do problema. Por se tratar de uma questão que vem tomando

maior proporção no cotidiano das mulheres, a discussão sobre a família é fundamental, uma vez que a mesma se caracteriza como um canal de formação e de ligação entre indivíduo e mundo.

Assim, o conteúdo desenvolvido não deve ser entendido como um conceito fechado a respeito da contaminação, mas como uma exposição de elemento de considerável influência na vivência das mulheres soropositivas. Ao considerar a idéia de que o aumento de mulheres contaminadas pelo vírus da AIDS decorre de uma postura de submissão da mulher frente à relação com o homem e o uso do preservativo, deve-se refletir sobre a veracidade da premissa. Outro ponto de análise para reflexão foi o machismo existente na sociedade brasileira que, até os dias atuais, mantém-se presente - e atuante - no cotidiano das relações heterossexuais.

A partir daí, baseado na premissa de que o machismo e a submissão se constituíam principais elementos influenciadores da contaminação de mulheres, outras questões se nos deparam, tanto ou mais pertinentes em relação à contaminação. Percebe-se que a maneira como a mulher foi educada carrega uma série de tabus e preconceitos em relação ao seu papel. Daí surgiram outros elementos de relevância que suscitaram a necessidade de se pesquisar a respeito da família, na qualidade de formadora da identidade feminina e a influência na relação que a mulher estabelece com o homem e, conseqüentemente, no tocante à prevenção.

Um fator de interesse consistiu na compreensão da importância da família e a percepção da dificuldade de as mulheres se expressarem. Acredita-se que se deva à forma como são educadas, à falta de oportunidade de externarem os sentimentos mais profundos, à dificuldade em verbalizar determinadas questões vivenciadas a respeito de si própria e, em particular, acerca da contaminação. Não se pode deixar de considerar também a própria situação em que as entrevistadas se encontram. Uma vivência delicada, que implica a maneira de relacionar-se com o parceiro, e também a confiança nele depositada. A própria representação da AIDS na sociedade brasileira faz com que a pessoa contaminada veja sua vida transformada e carregue consigo uma série de preconceitos, tabus e mitos. Esta situação faz com que a pessoa passe a refletir sobre sua própria vida, sendo vários os sentimentos envolvidos nesse cenário de contaminação.

A compreensão da família, a partir da relação do indivíduo com o mundo, busca refletir a respeito da presença do patriarcalismo como elemento fundador da família brasileira e que, ainda hoje, tem nítida presença, encontrando resquícios na sociedade. Esta figura configura um imaginário social que molda ou influencia comportamentos de homens e mulheres na formulação de conceitos e papéis desenvolvidos no cotidiano. Assim, a família se configura como importante instrumento através do qual se cria e se recria uma série de valores que fazem parte do cotidiano de homens e mulheres da sociedade brasileira.

Em torno dessa discussão sobre a família e a identidade coexistem também outras influências importantes para a compreensão do tema discutido, tais como a situação socioeconômica e a falta de informação. Ambos os fatores estão relacionados ao ambiente familiar, já que a falta de satisfação das necessidades básicas de sobrevivência interfere em sua dinâmica. Não é possível pensar em prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, bem como em diálogo no relacionamento interpessoal se o indivíduo carece do básico para a sobrevivência: alimentação, moradia, vestuário, acesso à saúde, à educação, dentre outros direitos de um cidadão.

A falta de informação, começando pela veiculada no interior das famílias, também foi significativa. No processo de construção de identidade própria, a mulher convive com um espaço existencial restrito que dificulta o ver-se a si mesma como protagonista de sua própria história. Ela, freqüentemente reproduz com o parceiro a precariedade da relação que viveu no interior de sua família de origem e o apreendido através do imaginário social sobre o feminino. Observa-se ainda que grande parte das mulheres expressa isso como mais um importante fator desencadeante do aumento de contaminação, pelo vírus HIV. Essa escassez de informação também ocorre em função da maneira como compreendem o que lhes é transmitido, ou seja, as campanhas de prevenção freqüentemente não atingem de forma eficaz a maioria da população brasileira, além da presença de muitos mitos acerca das formas de prevenção em relação às DST's.

Em contrapartida, limitações foram encontradas ao se deparar com a complexidade do tema e os preconceitos impregnados na sociedade. Mesmo assim, uma visão mais crítica da realidade pesquisada surpreende pelas questões surgidas que não eram, a priori, as principais. Enfim, os processo de aprendizagem estão sujeitos a mudanças, adequações



e contradições, capazes de proporcionar novas experiências. Não obstante, percorrer esse processo proporciona uma construção de saber pelo qual se produz conscientização, preocupações, esclarecimentos e, principalmente, conhecimento acerca da realidade pessoal e social de um grupo específico de pessoas.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. *Masculino/feminino: tensão insolúvel – sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- CARVALHO, M.C. Brant de et al. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC, 1995.
- GALVÃO, Jane. *Aids no Brasil: a agenda de uma construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*. Campinas, 1(1): 67-110, 1993.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 2000.
- MURARO, Rose Marie. *Libertação sexual da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo da moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- SILVA, Rodrigo Guimarães. *Ação e vida: resposta à epidemia de HIV/AIDS em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: BISA, 1996.
- SUPLICY, Marta. *De Mariazinha a Maria*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- VILLELA, Wilma. *Mulher e Aids*. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>> Acesso em: 10 mar. 2003.